



TURISMO
Luís Correia da Silva
Consultor

Turismo e terrorismo

E escrevo sugestionado pelas imagens trágicas de mais um atentado terrorista no Egípto. Visitado anualmente por milhares de turistas de todas as origens, raças, credos e condição social, um dos principais destinos do país foi o alvo escolhido para afirmar a vontade de retaliação e desejo de vingança, manifestar ódio e intolerância, desestabilizar um regime político tido por “colaborante” dos interesses ocidentais e penalizar um povo que vê com bons olhos a presença dos supostos infieis.

No âmbito de um estudo que realizei para a Federação Egípcia das Indústrias Turísticas, tive ocasião de conhecer e trabalhar com os principais responsáveis políticos e administrativos do sector e com a elite empresarial da indústria turística local. Verifiquei o consenso na abordagem dos principais problemas do turis-

mo, o transporte aéreo, a qualidade do serviço, a burocracia, a segurança. Admirei a consistência na visão estratégica, competência, capacidade empreendedora e pragmatismo com que lidam com as dificuldades do dia-a-dia e, em especial, as consequências do terrorismo. Fiquei sensibilizado pela afectividade, simpatia e qualidade humanas. Visitei empreendimentos de altíssima qualidade, comercializados a preços excepcionalmente competitivos e percebi porque os nossos destinos de “sol e praia” sentem hoje tantas dificuldades nos principais mercados emissores europeus.

Para o Egípto o turismo é a grande fonte de receitas e o principal sector empregador. Cada atentado, perpetrado com periodicidade calculada, é um golpe no contínuo esforço de promoção do desenvolvimento turístico e socioeconómico do país.

É sintomático que os alvos esco-

lhidos sejam invariavelmente infra-estruturas turísticas utilizadas por egípcios, israelitas e visitantes estrangeiros de várias nacionalidades, que, além do descanso num *resort*, procuram descobrir e conhecer os traços da História, cultura e civilização dos povos que habitaram o Egípto desde a Antiguidade.

Pontual e transitoriamente, outros destinos considerados mais seguros poderão beneficiar da expectável reorientação de alguns fluxos turísticos, mas se investidores operadores e potenciais turistas cederam a esta sofisticada forma de chantagem, a prazo todos teremos a perder. Há três anos visitei Israel a convite do ministro do Turismo e participei como orador num Fórum de Turismo para a Paz. Cheguei a Jerusalém no dia em que ocorreu um dos mais mortíferos atentados suicidas, ceifando a vida a mais de uma dezena de pessoas a 200 metros do prin-

cipal hotel da cidade e do local do evento. Nesse dia, as imagens de horror, desespero e impotência cederam lugar à vontade de voltar e conhecer os principais destinos do país e da região (Jordânia, Palestina, Líbano), num compromisso pessoal que, infelizmente, ainda não consegui cumprir. Hoje, como nesse dia, para além da solidariedade com os meus amigos egípcios, sinto uma renovada vontade de redescobrir aquela região.

A resposta aos mais recentes atentados, com uma rápida recuperação dos fluxos tradicionais e a manutenção das taxas de crescimento do número de viagens em termos globais, dá a entender que já aprendemos e vamos conseguir viver com esta nova realidade – o terrorismo dirigido a alvos turísticos – que decerto nos acompanhará nos próximos anos, porventura décadas. Se nos for possível, “viajar é preciso”. ■